

O PARAGUAI

Só faltava o Paraguai, para demonstrar cabalmente a afirmação de Rafael Correa de que a América do sul passa por uma mudança de época, e não por uma mera época de mudanças. Pois até o Paraguai, embebido historicamente em ditaduras intermináveis, desde a primeira, a do Doutor Francia, até a recente de Alfredo Stroessner, passando pelas dos insensatos Lopez, pai e filho, o Paraguai que praticamente não havia ainda conhecido uma efetiva democracia em sua história, o Paraguai, seguindo a rota da emancipação sul-americana, elegeu um Presidente democrata.

O Paraguai, como nação, é uma surpresa histórica: território inteiramente tributário da Bacia do Prata, colônia espanhola submetida ao poderoso Vice-Reinado do Prata, tornou-se surpreendentemente autônomo, uma república de índios guaranis governada por hispânicos. Hispânicos esses que, em acordo e aliança com portugueses, haviam destruído, cinquenta anos antes, a singular e notável experiência sociológica das missões jesuíticas, que chegou a compreender quase 300.000 guaranis aculturados, civilizados, disciplinados, vivendo ali, nas “reduções”, por convencimento, não por força, organizados para plantar tecnicamente, construir tecnicamente, falando, cantando, desenhando e pintando, fabricando violinos. E, mais, organizados militarmente para resistir à brutalidade dos “paulistas” gananciosos que iam lá em busca de peças comerciáveis para a escravidão. Durou isso tudo uns cento e cinquenta anos, um socialismo jesuítico-guarani. Tinha de acabar; era um acinte.

Era uma colônia da colônia, o Paraguai, e a inesperada independência em relação a Buenos Aires é atribuída a capacidade de alguns líderes hispânicos de mobilizar e organizar os guaranis, excelentes soldados que não gostavam de argentinos, pela memória do mando arrogante, e da destruição das antigas “missões”. O Brasil colaborou, obviamente, nessa independência, muito preocupado com a possibilidade e de ter o império argentino ao longo de todo o seu largo e vulnerável flanco sudoeste. O Brasil deu grande importância à independência do Paraguai, e tratou de enviar para lá, como representante diplomático, para ajudar a sua consolidação, ninguém menos do que Pimenta Bueno, futuro Marquês de São Vicente, um dos mais brilhantes juristas da nossa jovem Corte.

Mas é impossível deixar de observar, no episódio, a influência e a determinação da extraordinária figura da história paraguaia, que foi o principal líder, seu primeiro presidente, seu primeiro ditador, seu primeiro mobilizador, organizador, educador, civilizador, o Doutor Francia.

O Doutor Francia foi a encarnação mais nítida de déspota esclarecido que os sul-americanos conheceram. Estudou filosofia e teologia na Argentina, pensando em ser um líder religioso (quem sabe, imaginava-se um jesuíta reorganizando os guaranis). Evoluiu para a idéia de ser um líder político de seu país ainda colonizado. Estudou direito e foi deputado em Buenos Aires representando o Paraguai, começando lá a conspirar pela independência da sua terra.

Foi o principal líder da emancipação, foi por isso mesmo o primeiro Presidente do Paraguai independente e, quando tinha de entregar o poder, em rodízio, ao general que compartilhara a liderança do movimento, deu o golpe e se tornou o primeiro Ditador do país.

Foi ditador até morrer. Implacável na perseguição e destruição de qualquer oposição. Mas organizou a educação primária obrigatória e o Paraguai foi logo o único país da América a não ter analfabetos. Planejou e desenvolveu a economia, agricultura, indústria e transportes, em bases nacionalistas. Organizou e equipou as forças armadas mais poderosas de toda a América do Sul, e preparou a nova e pequena nação para uma guerra que lhe abrisse uma saída para o mar. Seu alvo, ao que parece, era o território do que hoje é a República do Uruguai, passando pelas províncias argentinas adjacentes. O Brasil não entrava nos seus planos, era um país amigo que havia ajudado na independência, o único com o qual mantinha uma boa relação na sua política nacionalista-isolacionista.

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 1/2008

Ironia do destino. Os ditadores que sucederam a Francia, os Lopes, principalmente o filho, Solano, com grande insensatez e inabilidade, envolveram o Paraguai num conflito com o Brasil que não era o seu alvo. E aconteceu então a maior guerra da América do Sul em toda a sua história. O Paraguai, sozinho, enfrentou as grandes potências do Brasil e da Argentina, tendo ainda como aliado o Uruguai. Incompetência elevada ao cubo. Mas havia uma particularidade: o Paraguai, sozinho, tinha cem mil homens armados, treinados, equipados, aguerridos, um exército que vinha se preparando e se fortalecendo desde o governo Francia, trinta anos antes. E assim enfrentou as potências aliadas, que não conseguiram mobilizar inicialmente mais que vinte mil soldados. E fez esse enfrentamento com tal furor e eficiência que nos dois primeiros anos da guerra não levou a pior no balanço de perdas e ganhos. Talvez tenha ganhado mais do que perdido. A ponto de alguns chefes militares aliados, como o general Mitre, o argentino comandante em chefe, ter pensado na hipótese de um tratado de paz sem perdas nem ganhos para ninguém. O custo humano e financeiro da guerra estava ficando muito alto e, no Brasil também, levantaram-se algumas vozes influentes pedindo a paz do empate. Sorte foi que o Brasil tinha à sua frente um Estadista, que viu com nitidez que ali ao lado havia um caso de combinação de fanatismo, ditadura e máquina de guerra em raras proporções (hoje, se pode pensar na Alemanha de Hitler), e inconfiável para qualquer acordo internacional. E Pedro II resolveu que a guerra tinha de ir até o fim, até acabar com o mal pela raiz. Convocou Caxias, mobilizou o povo, muitos escravos, muitos negros valentes, e conseguiu a vitória cabal ao fim de mais de três anos de luta dura.

Mas, claro, a imagem do Brasil no Paraguai, que era de nação amiga, se transformou em figura de algoz.

Passou muito tempo, várias gerações, para que as relações se recompusessem ao nível de sentimento popular, mesmo que nas escolas se ensine, ainda hoje, no capítulo da guerra, que foi um massacre cruel feito pelo Brasil. E veio a longa ditadura de Stroessner, que confraternizou com Juscelino sobre a grande "Ponte da Amizade", que atravessava o rio Paraná bem perto da foz do Iguaçu. Enorme crescimento do comércio livre do lado paraguaio, multiplicando-se em feiras livres chamadas paraguaias em várias cidades do Brasil, através da iniciativa de prósperos contrabandistas que usufruíam a amigável tolerância recíproca. O Brasil passou de novo a ser uma nação amiga. E fazendeiros brasileiros invadiram o Paraguai para plantar soja e criar gado.

Então chegou a hora grandiosa, a hora do Brasil Grande que ninguém segurava, de construir a maior usina hidrelétrica do mundo, aproveitando o saldo de Guairá, uma das maravilhas do meu tempo de colégio, chamada as Sete Quedas (eu, jovem, ainda cheguei a vê-la). A Argentina reclamou, que podia prejudicar outros aproveitamentos a jusante, em território argentino; que podia também produzir, por acidente, uma catástrofe sobre populações argentinas em caso de rompimento da barragem. O Itamaraty entrou em cena e resolveu todas as pendências. E mostrou ao Paraguai que o grande projeto era uma oportunidade de ouro para eles, pela receita enorme que ia gerar, com a venda de energia ao Brasil, e pelas facilidades que ia abrir para a sua industrialização. O acordo foi feito, o Tratado assinado e a mega-usina construída.

Claro que não vou analisar a justiça do Tratado nem avaliar os resultados em termos de desenvolvimento do Paraguai. É tarefa que está muito acima da minha competência e das informações de que disponho. Mas é evidente que o interesse maior na construção do projeto estava no Brasil, maior, mais poderoso, ávido de energia para a sua industrialização galopante, e carente de petróleo até recentemente. Ademais, sem querer desmerecer a diplomacia paraguaia, o Itamaraty tem, há muito tempo, um reconhecimento mundial em termos de competência na defesa dos interesses brasileiros.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 1/2008

Bem, o Paraguai entra agora, definitivamente, ao que parece, amadurecidamente, na era da Democracia. E elege um presidente com todas as características de líder extraordinário: um religioso, de excelente formação, moralmente inatacável, bispo católico, com energia e disposição para desafiar as proibições do Vaticano, para enfrentar a máquina dos Colorados que se mantinha no poder há 60 anos. Um líder de carisma, de fala brilhante, de inteligência fina, que declara injusto o acordo feito com o Brasil, tratado assinado por dois ditadores, o de lá e o de cá, que precisaria ser revisto para que o Paraguai resgate uma participação mais razoável nos frutos daquela grande usina. Sustentou esta posição na campanha e fez dela seu principal tema eleitoral. Venceu com larga margem. E agora?

Nossa mídia, sempre tendente a bombardear o Mercosul, logo ressaltou os vaticínios negativos: depois da crise com a Bolívia, que prejudicou a Petrobrás, vem a crise com o Paraguai que pode inviabilizar Itaipu. E mistura o caldo com Hugo Chávez, com Evo Morales, para compor o tempero ameaçador.

De minha parte, a confiança no Itamaraty é total. Pela competência comprovada ao longo da história, aliada à percepção clara da importância do Paraguai dentro do grupo original de quatro países que formaram o Mercosul, núcleo principal do projeto de integração sul-americana. A percepção, também, de que nesse grupo original há uma assimetria que precisa ser corrigida entre Brasil e Argentina de um lado e Uruguai e Paraguai de outro, e essa correção demanda atitudes positivas de generosidade por parte dos dois maiores. Percepção, ainda, de que vivemos um mundo em desenvolvimento moral, que não pode mais se reger pela regra da selva e da força bruta, do mais puro egoísmo nacional, segundo a qual não existem nações amigas, mas potenciais inimigas. Percepção de que essas novas atitudes, em busca da paz e da harmonia que interessa a toda a Humanidade, devem começar a se manifestar no relacionamento com os vizinhos, com as nações afins histórica e culturalmente, com as quais as fronteiras irão desaparecendo lentamente ao longo das décadas com a formação de um bloco.

Para o Brasil, não há vergonha nem frouxidão nenhuma em fazer concessões, que tem condições de fazer, a um Paraguai amigo que ingressa numa nova fase de sua história. Penso assim.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br